



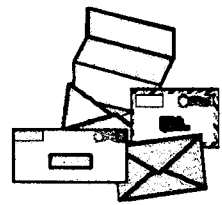
O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

*São Tomás Morus,
Mártir Católico*

*Um Homem
para
a Eternidade!*

Escrevem os Leitores



"Estimados amigos de "O DESBRAVADOR"

Paz e bem!

Na qualidade de colaborador desta magnífica revista católica, venho apresentar um sugestão.

Como sabemos, o compromisso da gratuidade é muito salutar, porém, deixa alguns leitores (como no meu caso) apreensivos, pois o valor da publicação é incalculável.

Então, sempre que recebo-a, deposito uma quantia, porém não fico satisfeito e penso que sempre é necessário aumentar o valor, pois a palavra de Deus e a vida dos Santos, são um tesouro inestimável.

Portanto, sugiro que se fixe um valor anual mínimo de assinatura, facultando o depósito de quantias maiores pelos leitores.

Deste modo, estaremos ajudando a cobrir os custos e ainda, generosamente doando o máximo que pudermos, sem sentimento de estar dando menos que o necessário."

ALEX O. R. DE LIMA
SÃO PAULO - SP

"Prezados jovens do Grêmio Santa Maria

Continuem pregando a boa palavra e semeando o bem! Parabéns, mais uma vez, pelo esforço admirável em prol do bem. Aqui, anexo uma pequenina contribuição. Que Deus os proteja e os ilumine sempre!!!"

MARIA FRANCISCA BUONAVITA
SALVADOR - BA

"Queridos e amados amigos

Gostaria de receber imensamente a Revista O Desbravador. Achei muito interessante e muito bonita todas as matérias. Desde já agradeço pela atenção."

TEREZINHA BRITO SOUZA
RIBEIRÃO PRETO - SP

"Lendo o Desbravador adquirido por mim das mãos de um amigo, gostei muito. Então desde já gostaria que vocês me enviassem exemplares atuais ou atrasados deste folheto.

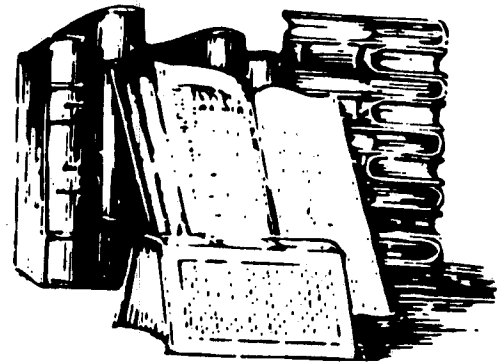
Os meus agradecimentos"

LUCIANA DIAS
BELO HORIZONTE - MG

"Caros Amigos do Desbravador

Fico sempre feliz com a chegada desta revista em meu lar. Gostei muito da história de Santo Agapito."

LUIZ ROBERTO PEREIRA
SÃO PAULO - SP



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP

O próprio Henrique VIII tudo fazia para o ter do seu lado e isso porque queria o homem honrado que o santo era, o homem reto que era, a apoiá-lo em seus erros. Mas ele não cedeu e essa intransigência santa irritou o rei, contrariou os bajuladores, mas para São Thomas Morus Deus estava - como dissemos - em primeiro lugar.

Seu exemplo é atual, atualíssimo. O mundo pede e precisa de homens como ele, que pela Fé se norteou, pela verdade combateu, e não se guiou pelas opiniões erradas. Homens que tenham a coragem de dizer não quando todos dizem sim ao erro. Homens que remem contra a maré.

Conceda-nos a Virgem Santa e São Thomas Morus ao mundo de hoje santos dessa estirpe. Almas católicas verdadeiramente que acima de tudo sejam fiéis a Deus.

po, nós da equipe de pensávamos em falar orus, por quem temos e devoção. Tendo oportunidade, com dele o centro da atólico exemplar. Pai lo, Juiz de Direito, terra, em todas essas), procurando sempre i pela Fé Católica. liu a pseudo-reforma so santo não poupou ter a heresia. que VIII, por causa de rompeu com a Fé nas Morus não teve a seu rei, como ele vora de morrer, mas Deus. E assim, não VIII como chefe da ou com o repúdio do esposa, Catarina de vo "casamento" dele ra, porque como não podia aceitar isso perdeu a vida, mal, não concordou seguiu a corrente é.

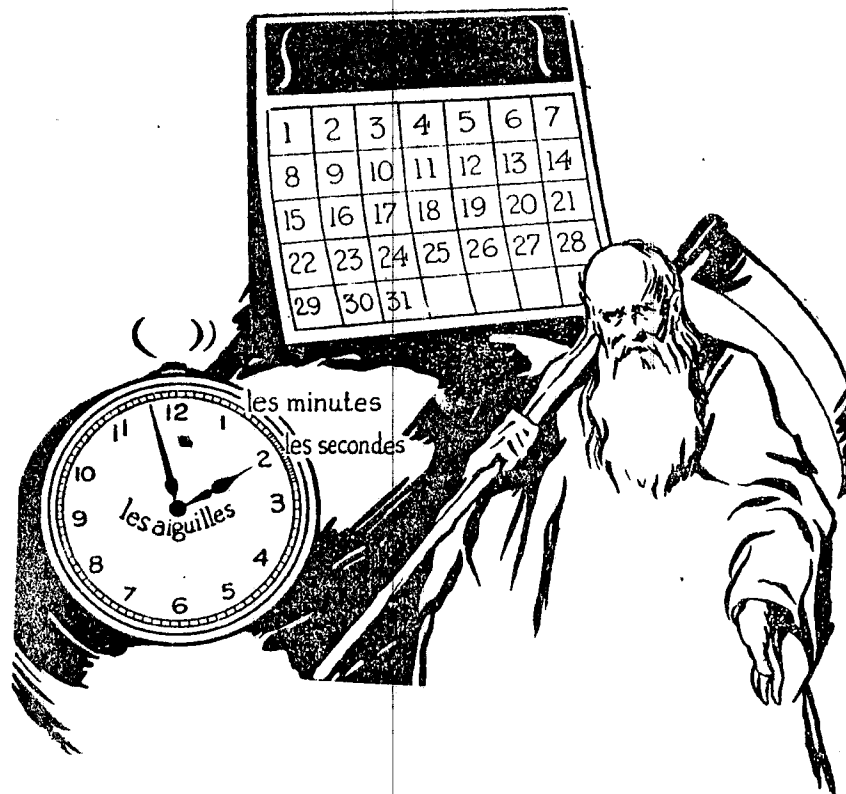
"O Desbravador" é gratuito. Se você quiser receber outros exemplares escreva para CAIXA POSTAL 1525 Cep 01059-970 São Paulo - SP e passará a receber gratuitamente todas suas edições. Se quiser cooperar para sua publicação e divulgação pode nos mandar um cheque nominal ao GERC Santa Maria ou então fazer um depósito em uma de nossas contas:

Conta Corrente 00433 - 0 (Agência 0003 - Mercúrio) São Paulo
BRADESCO

Conta Corrente 24019 - 2 (Agência 278 - 0 Gasômetro) São Paulo - SP
 Em nome do Grêmio Santa Maria

Qualquer quantia é bem vinda. Nossa Senhora o recompense.





Morrer todos morrem, mas...!

Quando São Thomas Morus resistia àqueles que queriam que ele aceitasse o rei Henrique VIII como chefe da Igreja na Inglaterra, alguém disse a ele que isso podia custar-lhe a vida.

Diante disso ele retrucou que entre ele, Thomas Morus, e a pessoa que lhe falava haveria uma diferença: um morreria antes e outro depois.

Na verdade, todos os que participaram daqueles lances históricos já morreram e foram julgados pela história e principalmente pelo Justo Juiz que é Nosso Senhor Jesus Cristo.

Aqueles que, como Henrique VIII, separaram-se da Verdadeira Igreja, nada lucraram com isso. Morreram, como todos morrem. Viveram alguns anos mais e de que lhes valeu isso?

Que adiantou sua covardia, seu respeito humano, sua fraqueza, sua cobiça?

Assim, só para citarmos uma pessoa: Cromwell que tramou contra São Thomas Morus e posteriormente foi Chanceler da Inglaterra. Que adiantou sua adulação a Henrique VIII?

Poucos anos depois o rei o fez ser condenado à morte e ele morreu decapitado.

Tudo que ele havia ganho com suas pérfidas tramas se perdeu, cargos, bens ele não levou e perguntamos: e sua alma?

Sim, a alma é o mais importante e se perdemos a ela tudo estará perdido, ainda que tudo houvesse sido ganho e se a salvarmos, ainda que tudo tenhamos perdido, tudo estará salvo.

Na realidade todos morreremos. Uns antes, uns depois, mas de qualquer modo todos temos o dever de salvar nossa alma, ainda que para isso percamos amigos, bens, dinheiro, saúde e até a própria vida, se for preciso.

Foi desta última forma que São Thomas Morus agiu. Ele perdeu cargos, bens, salário, amigos e por fim a vida. Mas, manteve-se fiel a Nosso Senhor, a Nossa Senhora e à Santa Igreja.

Ele não vendeu sua alma. A história o coloca entre os heróis, a Santa Igreja Católica o canonizou e no Céu ele recebe por toda a eternidade a recompensa imorredoura.

E aqueles que o traíram e o condenaram? O que lhes sucedeu?

Breve relato de uma iniquidade



Em inícios do século XVI, mais precisamente em 1519, o monge apostata Martinho Lutero, rebelou-se contra a Igreja Católica e criou o que viria a ser chamado de Protestantismo.

Em breve a sua revolta se espalharia e poucos, a princípio, se opuseram a ele. Entre os que o atacaram estava Henrique VIII, Rei da Inglaterra, um dos poucos governantes a defender a Santa Igreja.

O monarca inglês escreveu o livro "Em defesa dos sete Sacramentos" em favor do Catolicismo e contra Lutero.

Nesse empreendimento foi apoiado por seu brilhante amigo, o juiz Thomas Morus, uma das pessoas mais conceituadas da Inglaterra, pelo seu caráter, decência e piedade, a tal ponto que viria a ser chamado de "a consciência do Rei".

Por causa do livro, o rei recebeu do Papa o título de defensor da Fé, título que até hoje os monarcas ingleses usam.

Henrique VIII se casara com a virtuosa princesa Catarina de Aragão, filha dos Reis Católicos Isabel e Fernando.

A princípio bom marido, entretanto, anos após, começou a se envolver com outras mulheres.

Apaixonado por uma delas, Ana Bolena, Henrique queria, de qualquer modo obter do Papa a declaração de nulidade de seu casamento com Catarina de Aragão. Para tanto alegava que ela fora casada com seu irmão Artur. Mas isso no caso era irrelevante uma vez que este casamento não se consumara e após a morte de Artur, o Papa dera a devida dispensa para que Catarina e Henrique se casassem.

O Rei designara o cardeal Wosley, seu chanceler, para cuidar da declaração de nulidade de seu casamento e como isto não foi conseguido, nomeou Thomas Morus, a quem pedira auxílio na questão matrimonial.

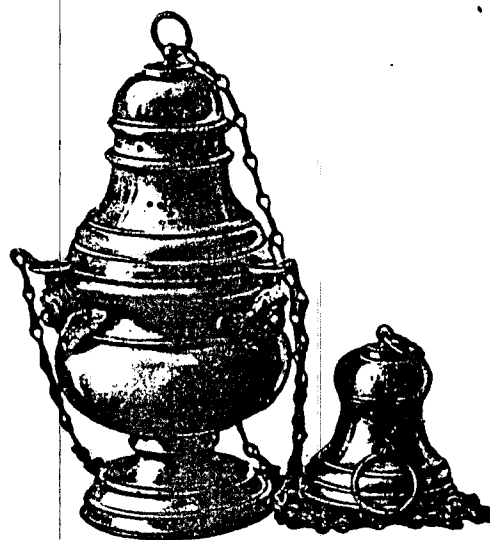
Não conseguindo do Papa a declaração de nulidade, uma vez que o casamento com Catarina fora válido, Henrique consegue do Parlamento em 1532 o poder de legislar em matéria eclesiástica.

Tendo Ana Bolena ficado grávida, o Rei nomeou Thomas Cramer, ocultamente protestante e que odiava o Papa, como primaz de Canterbury. Este auto intitulou-se legado pontifício e “declarou nulo o casamento do Rei”.

Thomas Morus, católico fervoroso não aceitou o Rei como chefe da Igreja na Inglaterra nem a “declaração de nulidade do casamento”.

Com isso, demitiu-se do cargo de chanceler, recusou-se a ir ao “casamento” do Rei com Ana Bolena e não jurou o Ato de Sucessão que fazia do Rei Chefe da Igreja Inglesa, pois dizia que tal juramento colocava sua alma em risco de condenação eterna.

Por isso, ele foi encarcerado na Torre de Londres. Ali ficou detido e deu mostras de virtude e piedade ímpares.

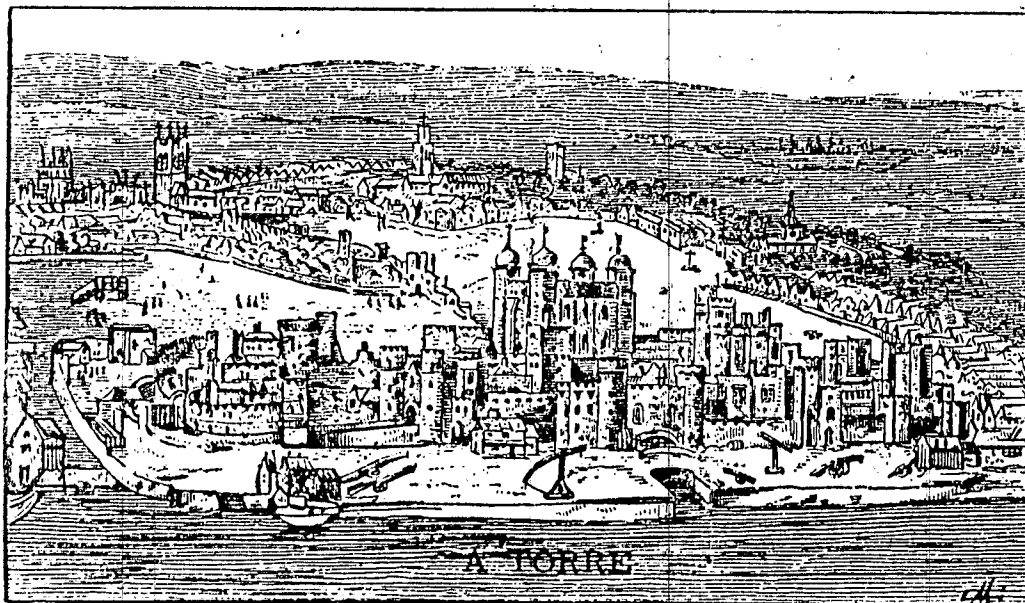


No cárcere escreveu um diálogo sobre o consolo na tribulação e um tratado sobre a forma de receber dignamente a Eucaristia.

Em julgamento iníquo, a 1 de Julho de 1535 foi condenado à morte, sendo decapitado em 06 de Julho desse mesmo ano.

Antes de ser executado disse: “o Rei pediu que eu fosse breve. Fiel súdito de sua majestade, breve serei: morro como fiel servidor do Rei, mas antes, de Deus”.

São Thomas Morus foi beatificado em 1886 por Leão XIII e canonizado juntamente com outra vítima de Henrique VIII, São João Fischer, em 1935 por Pio XI.



Vista panorâmica da Torre de Londres.

Uma nação desviada

Henrique VIII executou Ana Bolena e teve mais 4 mulheres. Após sua morte, no governo de seu filho Eduardo VI, a Inglaterra caminhou para o protestantismo.

No breve período de Maria I, filha de Henrique com Catarina de Aragão, a Inglaterra voltou ao Catolicismo, voltando de vez ao Protestantismo com Isabel, filha de Ana Bolena.

Com esta o protestantismo se implantou de vez na Inglaterra, iniciando-se uma era de perseguições e martírios aos católicos: a Missa foi proibida, os Católicos não poderiam ser funcionários públicos e a Católica Irlanda muito sofreria.

Isabel pôs suas cartas na mesa, no dia de Natal de 1558, ao se retirar da Igreja depois que o bispo que celebraria a Missa se recusou a obedecer a sua ordem de omitir a Elevação da Santa Hóstia.

Dáí em diante os acontecimentos se precipitaram.

Pelo seu primeiro Parlamento, a rainha foi declarada governante suprema da Igreja.

Somente um dos bispos aceitou isso.

Os restantes se recusaram e foram privados das suas dioceses e aprisionados, sendo substituídos por toda uma nova hierarquia para a Igreja, agora instituída por lei como "a Igreja do país".

Em junho de 1559, o não-comparecimento ao novo culto inglês acarretava pesada multa, enquanto a celebração da Missa ocasionava prisão perpétua.

Mais tarde, tanto a celebração da Santa Missa como o comparecimento a ela eram punidos com a morte, acontecendo o mesmo com a recusa de prestar o Juramento da Supremacia Real.

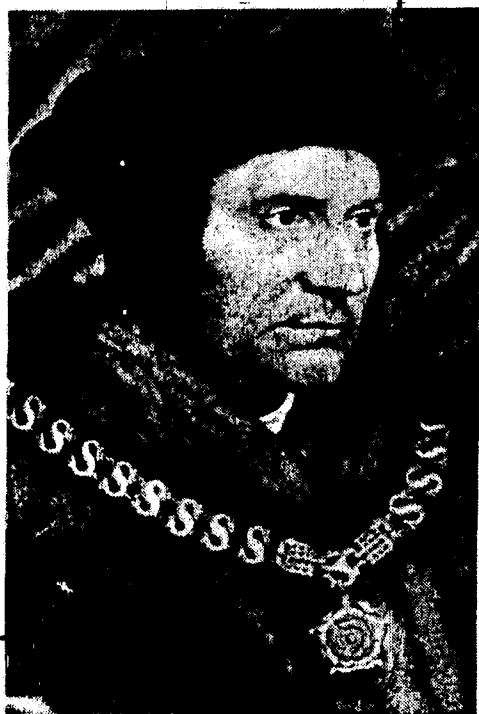
Estas e as outras Leis Penais aprovadas pelo Parlamento, nos anos seguintes, fizeram com que pessoas de todas as posições morressem pela Fé Católica que, durante mil anos, a Inglaterra havia cultivado.

Houve sacerdotes, como Edmundo Campion, jesuíta; Cuthbert Mayne, um clérigo convertido e o primeiro mártir do novo seminário em Douai, do outro lado do Canal da Mancha; Margarida Clitherow e Ana Line, ambas convertidas, que morreram por abrigar sacerdotes. Todos esses e muitos outros foram beatificados e alguns deles canonizados.

Somente no século XIX haveria uma renovação Católica na Inglaterra.



Durante o reinado de Isabel I, a celebração da Missa por um sacerdote na Inglaterra era crime punível com a morte, bem como o asilo concedido a um padre. Um grupo de perseguidores invadia as casas onde acreditavam estar-se realizando o culto católico; mas alguns sacerdotes escapavam à captura, ocultando-se em esconderijos arditosamente inventados, chamados "tocas de padre".



Um Homem para qualquer tempo

Não é nosso escopo fazer aqui uma biografia de São Thomas Morus, mas sim mostrar alguns lances de sua vida, que mostram sua virtude e seu valor.

Nascido em 1478, o santo deveu grande parte de sua formação aos padres cartuxos, em cujo convento esteve por 4 anos, sem fazer votos.

Tentou também ingressar na ordem franciscana, mas concluiu que não havia nascido para o convento, apesar de que em toda a sua vida foi de piedade exemplar. Até a véspera de sua morte usou um cilício, jamais abandonou a oração e a meditação.



Casou-se em 1505 com Jane Colt, teve 4 filhos. Seu lar era harmonioso e respirava a verdadeira piedade.

Ali se rezava em conjunto várias orações, em especial o Terço de Nossa Senhora. Aliás era grande a devoção da família de São Tomás Morus à Mãe de Deus.

Tendo ficado viúvo, casou-se em segundas núpcias com a viúva Alice Middleton.

São Thomas Morus nutria - como ótimo católico que era - profunda aversão ao protestantismo. Quando seu genro, e futuro biógrafo, William Roper, aderiu às idéias luteranas, o santo em longos colóquios, tentou demovê-las. Ao perceber que nada conseguia pôs-se a rezar por ele. Suas orações foram ouvidas e Roper voltou à verdadeira Fé.

Mais tarde o santo escreveria o seu Diálogo para rebater o herege Tyndale e a Apologia em Defesa da Igreja e, como chanceler, combateu o protestantismo com firmeza.



Na qualidade de juiz foi de uma honestidade ímpar. Jamais aceitou um suborno.

Certa ocasião uma mulher a quem ele dera ganho de causa levou a ele um par de luvas cheias de moedas de ouro. Ele esvaziou as luvas e devolveu-lhe as moedas.



Quando se dirigia ao cadafalso para ser decapitado, outra mulher recriminou-lhe porque ele houvera, uma vez, dado uma sentença contra ela.

Ele lhe disse: "lembro-me bem do teu caso. Se tivesse que dar a sentença de novo, seria exatamente a mesma".

Este fato mostra a firmeza de seu caráter.



Foi por ocasião de seu Martírio que São Thomas Morus deu mais mostras de grandeza.

Ele que era Católico virtuoso, pai de família exemplar, juiz e chanceler honestíssimo, iria coroar sua vida com a palma do martírio.

Curiosamente, quando sua mulher o aconselhara a acautelar-se diante do rei, ele havia dito que não se preocupasse pois “esta carcaça (ele mesmo) não nascera para o martírio”.

Quando seu amigo, o Duque de Norfolk, recomendou-lhe que assinasse o juramento, aceitando o rei como o chefe da Igreja na Inglaterra, e que fizesse isso por camaradagem, São Tomás Morus retrucou: “e se eu for para o inferno por “camaradagem”, você me livra dele?”.

Após sua condenação disse aos juizes que o condenaram: “Espero e rezo para que, apesar de Vossas Senhorias terem sido juizes de minha condenação, nos encontremos gozosamente no Céu e assim, também desejo que o Deus Todo Poderoso preserve e defenda Sua Majestade, o Rei, e lhe inspire bons conselhos”.

Ao ser visitado na prisão por sua esposa que o recomendava que ele assinasse o juramento, ele a chamou de senhora Eva e lhe perguntou quantos anos mais ele viveria se jurasse.

Ela disse que ele tendo 55 anos, viveria mais uns 20.

E ele retrucou: “minha boa mulher, não serves para negociante. Queres que troque a eternidade por 20 anos?”.

Já no patíbulo disse ao carrasco: “presta-me hoje o maior serviço que possa prestar a um homem”.

Assim foi São Thomas Morus, um homem que remou contra a maré.

Quando quase toda Inglaterra apostatou da verdadeira Fé, um leigo, um juiz, um homem de Estado falou a Verdade, defendeu a Verdade, foi a luz na escuridão. Não vendeu sua alma, perdeu a vida mas manteve a Fé. É um homem para todos os tempos. Um homem para a Eternidade.



Mais maldades, mais Heroísmos

Ai! De quem recusasse submeter-se ao ímpio primado de Henrique VIII!...

Havia de pagar caro a sua fidelidade a Deus e à Santa Sé, com o desterro, a masmorra e a morte violenta.

Todos os religiosos franciscanos da Estrita Observância foram expulsos dos seus conventos e encarcerados. Por que?

Porque os frades Peit e Elstow, seus irmãos de hábito, tinham resistido destemidamente às pretensões do tirano monarca!

Mais de cinquenta dentre eles deixaram a vida nos calabouços; sendo os demais desterrados para a França e Escócia.

Cinco dias depois, no dia 05 de Maio de 1535, os três priores, Reynold, monge de Sião, e um sacerdote secular foram decapitados em Tyburne.

Em breve, tiveram igual sorte outros três Cartuxos, por se terem atrevido a pedir (em vão) licença para levar aos condenados os Santos Sacramentos, antes de serem trucidados.

A sentença fatal foi executada com a mais bárbara pontualidade, a 19 de Junho do mesmo ano.

Lida a sentença de morte, foram estendidos dois a dois sobre esteiras de vimes trançados e, de mãos amarradas por meio de cordas, foram arrastados por cavalos até o lugar do suplício.



Igual constância e fidelidade mostraram os filhos de São Bruno, os cartuxos.

Os priores das três Cartuxas de Londres, Ariholm e Belval, foram ter com Cromwell, constituído pelo rei, seu vigário geral no governo da igreja da Inglaterra, para expor-lhe as objeções de sua consciência em reconhecer o primado espiritual do monarca.

Pois bem, da sua residência, Cromwell mandou levá-los diretamente ao cárcere, para serem julgados com réus de alta traição, e constrangeu os membros do júri a condená-los, não obstante a repugnância que nisto sentiam.

Deviam morrer na forca, mas antes que se acabasse a vida das suas vítimas, os algozes cortaram-lhes os braços deste modo, tombaram ao chão semi-vivos.

Despojaram-nos em seguida de suas vestes, para lhes arrancarem as entranhas com ferocidade atroz, e atirar com estas à fogueira preparada junto ao patíbulo. Só então foram decapitados e esquartejados os seus membros.

Será difícil deparar na história com semelhantes crueldades, ainda quando nos fala dos mais sanguinários monstros que têm enxovalhado a terra com a sua presença.

Bem aventurado Padre Damião de Veuster

O APÓSTOLO DOS LEPROSOS

Nos tesouros da Santa Igreja Católica encontram-se riquezas que em nenhum outro lugar existem.

Ao cabo dos séculos, nela surgiram obras, nela brotaram santos nos mais variados estados de vida e para realizar missões as mais diversas.

O Bem Aventurado Padre Damião de Veuster bem demonstra isso.

Até a descoberta dos antibióticos, por volta de 1930, a lepra era doença incurável e que levava os leprosos a serem isolados da sociedade.

Havia no Oceano Pacífico, no Hawaii, uma ilha, Molokai, aonde eram levados os pobres leprosos. Ali viviam sem higiene, quase sem alimentos, uns pisando nos outros. E, o pior, sem os auxílios da religião que lhes daria a paciência nesta vida e o Céu na Eternidade.



Um jovem padre belga oferece-se então para ir a esta ilha para salvar as almas dos leprosos e minorar os seus males. Seu nome Padre Damião de Veuster.

Ele ali vai passar 16 anos, encarcerando-se e não podendo mais voltar ao convívio dos outros. Ali contrai lepra e morre.

Que vida inútil, dirá alguém que vive para aproveitar a vida. Que vida sublime, dizemos nós, pois viveu para que os desafortunados leprosos tivessem o conforto possível neste mundo e o Céu na Eternidade.



No Capitólio, prédio do Congresso Norte Americano, cada Estado coloca a estátua de 2 heróis seus. Quando o Hawaii tornou-se Estado Norte Americano escolheu o Padre Damião como um de seus heróis.



Num mesmo seminário da Bélgica se achavam dois irmãos, preparando-se para o sacerdócio. O mais velho devia ser em breve missionário e, nessa qualidade, ir para as ilhas dos mares do sul. Brilhavam-lhe os olhos, esfregava as mãos de contente, sempre que se referia à obra que o esperava além-mar.

Um dia, porém, adoeceu gravemente, e teve de recolher-se ao leito. Era presa de uma febre terrível, e ainda mais empalidecia e se definhava ao pensar na inação a que a doença o obrigava.

O irmão mais novo, vindo-lhe à cabeceira, disse com carinho: "Sentir-te-ias melhor se eu ocupasse o teu lugar de missionário?"

Os olhos do doente brilharam um momento e ele apertou, sorrindo, as mãos do irmão, o qual escreveu secretamente às autoridades, pedindo permissão para partir em seu lugar.



Um dia, enquanto estudava, o diretor do seminário informou-o de que estava autorizada a sua ida. O rapaz saiu alegremente aos pulos, para o pátio, como uma criança.

- "Enlouqueceu?", perguntavam os colegas.

E por que José Damião mostrava tanta alegria, se afinal ia para um exílio? Por que desejaria abandonar a terra feliz onde se falava a sua língua e cujos costumes lhe eram familiares? Por que razão iria trabalhar entre selvagens, para além de mares longínquos, tornando-se invisível aos amigos e deles esquecido?

É que já abandonara o mundo para ser sacerdote e amava o Redentor, mais que à pompa do mundo, mais que à paz do lar, mais que ao amor de pai e mãe. Amá-lo e segui-lo, praticando o bem, tornou-se o seu ideal.



José Damião, com um entusiasmo de moço, partiu para as ilhas dos mares do sul e ali trabalhou com firmeza e nobremente até a idade de trinta e três anos.

Um dia, em sua missão entre o povo, ouviu dizer que o Bispo não tinha quem mandar aos pobres leprosos de Molokai, e que esses infelizes estavam entregues não só àquele terrível mal como ainda a pecados terríveis.

José Damião, cuja alma muitas vezes se tinha condoído ao ouvir falar dos leprosos, pediu ao bispo que o mandasse. Seu oferecimento foi aceito.

Este era um sacrifício ainda mais respeitável: ir dos selvagens aos leprosos representava abnegação maior do que ir da Bélgica aos selvagens.

Os leprosos viviam isolados, longe de toda a gente, evitados por todos. Estavam fora da humanidade.

Suas cabanas eram verdadeiras pocilgas; viviam como animais; eram horríveis de se ver.

O mal que lhes roía os corpos não era o pior. A doença de suas almas era ainda mais lastimável.



Não podem vocês imaginar os horrores de Molokai. Deles, só uma pequena parte bastaria para impressionar.

Mas o padre Damião levou aos desgraçados a mensagem simples de que Deus os amava; e o seu rosto alegre, a sua voz terna, o seu olhar acarinhador, e, mais que tudo isso, a fé ardente e viva que punha nas suas palavras, converteu-os de animais em homens e, em breve, de homens em filhos do Senhor.

Logo após a chegada do padre à ilha, ele soube que uma leprosa grávida estava morrendo nas cavernas.

Ali eram colocados os leprosos terminais, já sem orelhas, nariz e lábios. O padre apressou-se para dar à mulher os últimos sacramentos.

Um leproso, fiel seguidor do padre Damião disse-lhe que não fosse às cavernas pois lá não havia católicos. Ao que o padre retrucou: “quando lá chegarmos, haverá”.

A mulher recebeu os sacramentos e deu à luz, antes de morrer, a um belo menino que nasceu são e logo foi batizado.



Dezesseis anos viveu este homem santo entre os leprosos. A eles dedicou sua vida missionária, no apostolado, ensinando-lhes a doutrina católica e ministrando os Sacramentos.

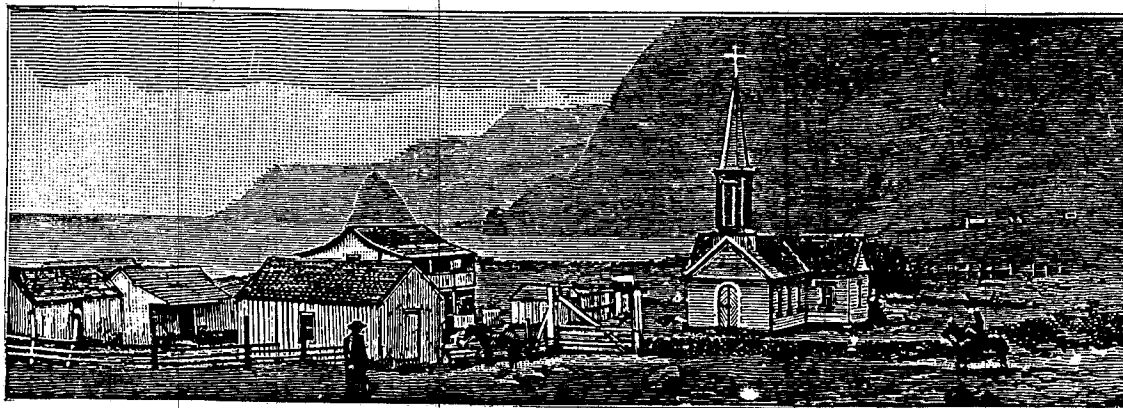
Ergueu uma Igreja, construiu-lhes casas mais confortáveis, deu-lhes um melhor fornecimento de água, foi seu enfermeiro, tratando das suas chagas horrendas; confortava-os à hora da morte e cavava as suas sepulturas.

O mundo ouviu falar deste padre que trabalhava sozinho entre os leprosos. Escreveram-lhe, mandaram-lhe caixotes de coisas úteis para a sua gente, e houve mesmo quem lá fosse visitá-lo e ajudá-lo.



Um dia, estando a trabalhar na cozinha, entornou acidentalmente água fervente sobre seu pé. Estranhou não sentir dor nenhuma e procurou a um médico.

“Tenho a lepra?”. Perguntou.
A resposta foi afirmativa.



A igreja e o povoado da missão do padre Damião nas ilhas dos mares do Sul.

A partir deste dia, em seus sermões, não mais diria “meus irmãos”, mas sim “nós os leprosos...”.

Sentia-se perfeitamente feliz.

Dizia que, se fosse possível curar-se abandonando a ilha, ainda assim não deixaria os leprosos. Continuou trabalhando, com a morte a roer-lhe feroz e vorazmente o corpo.

Quando o levaram para o leito, agradeceu a Deus todos os benefícios e confortos recebidos.



Dois padres e irmãs de caridade ajoelharam-se-lhe ao pé do leito.

“Quando estiver no céu, padre Damião”, perguntou um deles, “não esquecerá estes órfãos que aqui deixa?”.

“Não, não!”, disse, sorrindo, o bom padre. “Se algum valimento tiver ante Deus, rezarei por todos que estão no Leprosário”.

“E”, tornou o padre ajoelhado, “não me deixará, como Elias, o seu manto?”.

“Para quê?”, replicou o padre Damião. E depois acrescentou sereno: “Está cheio de lepra”.

Nenhum rei teve, porém, manto mais belo! É que toda a sua vida tinha sido um longo ato de heroísmo.

O erro não tem direitos

Pessoas existem que possuem uma lei suprema: respeitar as opiniões e as conseqüências disso. Dizem, em outras palavras, que cada uma pensa como quiser e age também como quiser.

Às vezes não concordam com o outro mas respeitam e aceitam a maneira do outro pensar e disso se vangloriam.

Talvez estas pessoas não saibam, mas na verdade elas são liberais. Quer dizer são adeptas de uma doutrina contrária ao que sempre a Santa Igreja defendeu.

Assim a Igreja defende a existência de uma verdade objetiva, quer dizer o erro é erro, o certo é certo, o bem é bem, o mau é mau. O que nós achamos será verdadeiro se conferir com a realidade e falso e errado se contrariar esta mesma realidade.

Sendo assim não importa o que alguém, circunstancialmente pense. Importa o que é. Importa a verdade.

Vamos a um assunto palpitante. A questão do aborto. Pessoas de índole liberal chegam a dizer que não aceitam o terrível crime do aborto e jamais o praticariam, mas aceitam a maneira de pensar de uma abortista e nada fariam para obstar o assassinato de um inocente.

Para um liberal, o erro tem de ser respeitado.

E nós retrucamos: pode-se respeitar a idéia de assassinar crianças inocentes? Jamais. Pode-se respeitar que uma criança seja estraçalhada no ventre materno? Nunca. Pode-se aceitar o massacre de uma criança para garantir a escolha errada de uma mãe assassina? Nunca, jamais, em tempo algum.



O aborto como erro que é, como crime que é, como pecado que é não tem direitos. O pecado e o erro não têm direitos.

Em outros termos, a escolha pelo erro não pode ser garantida. Alguém garantiria o "direito" de escolha pelo roubo, pelo assalto, pelo seqüestro? É óbvio que não.

Por que então no caso do aborto tem de se garantir a escolha. Ainda mais com uma vida inocente em jogo.

Uma coisa má não se faz boa pelo fato de uma pessoa, ou duas, ou dez, ou milhões a aceitem e a pratiquem. Ainda que todos a aceitassem continuaria sendo má e sem direitos. Isso vale para tudo e - lógico - também para o aborto.

COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

I - Eles passaram...



Por volta do ano 360 da era Cristã, a Igreja enfrentou uma terrível perseguição, que lhe foi movida por Juliano, denominado o Apóstata (porque era batizado e renegara sua Fé).

Não era uma perseguição sanguinária, mas apresentava aspectos não menos terríveis: ajudava os hereges e cismáticos, despojava a Igreja de seus bens, não permitia aos cristãos se defenderem nos tribunais, proibia também que fossem mestres nas escolas.

Este perseguidor implacável quis reconstruir o templo de Jerusalém para contrariar as palavras de Nosso senhor que dissera que dele (o templo) não ficaria pedra sobre pedra. Mas esta empresa fracassou, pois apenas colocadas as primeiras pedras sobreveio espantoso e miraculoso terremoto.

Depois disso, tendo Juliano partido para uma guerra contra os persas, foi ferido mortalmente por uma flecha e morreu dizendo: "Venceste, Galileu" (assim ele se referia a Nosso Senhor).

Quando morreu o Papa Pio VI, vítima da revolução francesa, os revolucionários diziam que morrera Pio VI e último, querendo com isso dizer que o Papado e a Igreja Católica haviam sido destruídos.

Pela ótica meramente humana das coisas isso parecia estar se realizando.

Não havia sequer um lugar para se realizar o Conclave que elegeria o novo Pontífice, uma vez que Roma e toda a Itália estavam em poder dos revolucionários franceses.

Subitamente, as combalidas forças austríacas na Itália contra-atacam e conseguem fazer recuar, por algum tempo, os revolucionários, possibilitando então a eleição do novo papa, fato este que se efetuou em Veneza, na pessoa de Pio VII.

Pio VI não fora o último Papa e a Santa Igreja prosseguia sua caminhada gloriosa pela face da Terra.

II - CRISTO NÃO PASSOU

Ao cabo dos séculos, a Santa Igreja enfrentou toda uma série de perseguições, de insultos, de tolhimentos à sua ação.

Uns, como Nero, mandavam os cristãos aos leões e às fogueiras, outros, como Diocleciano, queriam varrer a Igreja da face da terra. Alguns, como Voltaire, cobriam a Esposa de Cristo de impropérios, a ponto de A chamar de infame.

No século passado, Napoleão aprisionou o Papa Pio VII e disse que não se incomodava com a excomunhão papal, que não faria - segundo ele - caírem as espadas das mãos de seus soldados.

Já mais próximo de nós, o comunismo, nos campos de concentração, nos "laboratórios terapêuticos" e nos "paredons", bem como as maquinações das seitas secretas e da mídia pérfida e escrava do erro fizeram guerra sem trégua a nossa Santa Religião.

Em todos os tempos, de todos os lados, através de mentiras, falácias e sofismas, a história assistiu ataques contínuos e incontáveis à Mãe e Mestre da Verdade, à Barca de Pedro, à Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

Estas pessoas e estes seus métodos visavam e visam única e exclusivamente distorcer seu ensinamento perenes, difamá-la e finalmente destruí-la, para que não cumpra sua sublime missão nesta terra.

Porém, nada disso venceu ou vencerá. Assim como os neros desapareceram da vida e da história, assim como o frio russo, maior que o normal, fazia as espadas caírem das mãos dos soldados de Napoleão, os Céus derrotarão os inimigos de Cristo, lançando-os no esquecimento merecido.

Esses inimigos são como cães que ladram, enquanto a Santa Igreja continua a sua caminhada gloriosa. Seu latido passa, aliás eles também passam, mas Cristo não.

De todas as perseguições, de todas as crises, a Igreja saiu fortalecida e mais gloriosa.

Ela não morre, pois Seu Divino Fundador o prometeu; Ela triunfará como Nossa Senhora profetizou em Fátima. Ela é, a exemplo de Seu Fundador, Beleza tão antiga e sempre nova. E, só nela encontrarão conforto e alívio os angustiados homens da modernidade.

